

Preço avulso — 20 réis

GRANDE FOLHA

SEMÁNARIO

ILLUSTRADO, LITTERARIO E THEATRAL

REDACTOR PRINCIPAL: Joaquim dos Anjos
SECRETARIO DA REDACÇÃO: Hogan Teves

PROPRIETARIOS: — Hogan Teves, Henrique Pereira e João Costa

Redacção e Administração — Largo do Conde Barão, 50, 2.º

ASSIGNATURAS

LISBOA — Série de 15 numeros 300 rs.
FÓRA DE LISBOA — Série de 15 numeros 400 rs.

LISBOA

21 de julho de 1904

Editor: THOMAZ RODRIGUES MATHIAS

Composição e Impressão na Typographia d'«A EDITORA»

Largo do Conde Barão, 50

Individualidades Artísticas

Este titulo, por si só, bastava para justificar as extraordinarias aptidões da artista.

Theatro Avenida

Emilia Eduarda

Não formam quadro biographico, nem moldura de valor, as palavras que acompanham o retrato da festejadissima e illustrada actriz Emilia Eduarda. São, apenas, simples homenagem, devida a uma artista que tanto soube elevar-se pelo estudo e força de vontade, luctando sempre, firme e resoluta, contra os revezes da sorte que nem sempre lhe foi propicia.

Muito nova ainda, levou-a a teimosa vocação ao velho theatro do Gymnasio, aonde se tornou distincta comedianta, guiada por esse notavel ensaiador que se chamou Romão Antonio Martins.

Ao lado de Taborda, Emilia Candida, Anna Cardoso, e de tantos outros artistas distinctissimos, não podia o talento de Emilia deixar de colher proveitoso ensinamento.

Não foi, porém, muito longo o periodo em que Emilia Eduarda recebeu os applausos sinceros do publico lisbonense, porque se retirou para o Porto, a convite de Antonio Moutinho de Souza, empresario do theatro Baquet.

Formára este senhor, á sua volta do Brasil, uma companhia de comedia e drama, para exploração d'esta casa de espectaculos, de tão tristes recordações, pelo incendio fatal que a devorou.

Fizeram parte da *troupe* artistica do Baquet, o actor Simões, suas filhas, Lucinda e Amelia Simões, Paulo Martins, Gama, Apolinario de Azevedo, Soller, e muitos outros, figuras theatraes de subido valor, entre as quaes Emilia Eduarda continuou a elevar-se, estudando com affinco, até merecer dos criticos mais exigentes o cognome de *Delphina portuense*.

Emilia Eduarda é tambem escriptora de merito real, comediographa e poetisa, que pode contar as representações das suas peças pelo numero das ovações recebidas.



ACTRIZ EMILIA EDUARDA

Emfim, que nos desculpe a talentosa actriz se aqui levantamos hoje uma pontinha do véo, com que a sua modestia costumava encobrir sempre os proprios merecimentos.

AUGUSTO GARRAIO.

Os maus artistas ficam sempre admirados de encontrar habilidade nos bons.

Depois de ter aberto a época de verão no theatro Avenida a companhia organizada pelo intelligente empresario Souza Bastos com a *reprise* da applaudida operetta **A Boneca** e successivas *reprises* da **Perichole** e **Noite e Dia**, tendo sempre á frente a figura primordial de Palmyra Bastos, deu-nos hontem a *reprise* do *vaudeville* em tres actos **A Cigarra**, sendo o papel da protagonista desempenhado pela primeira vez em Lisboa por Palmyra Bastos.

O que tinhamos a dizer do trabalho da distincta artista é muito para que possa caber no espaço tão limitado de que dispomos; comtudo diremos que são poucos todos os louvores que lhe possamos fazer para coroar o seu trabalho.

Merecidos, na verdade, porque Palmyra Bastos no desempenho do seu papel na **Cigarra** tinha que arcar com as responsabilidades do confronto com Lucinda do Carmo, creadora d'este papel entre nós, cujo desempenho está ainda na memoria de muitos, pois que foi uma das suas corôas de gloria.

Tudo se esqueceu para admirar o trabalho correctissimo de Palmyra e applaudil-a como justamente mereceu.

Se louvores temos a fazer-lhe será o mais merecido o que hontem sentimos recordando-nos da phrase do distincto escriptor D. João da Camara n'uma das suas chronica do *Occidente* a respeito de Palmyra sobre a sua apparição na operetta em 1897:

«Quando está na opera comica faz falta no drama; quando no drama faz falta na opera comica.»

Verdade. Nua e crua!

No resto do desempenho sobresahiram Alfredo de Carvalho, sempre correcto e com *verve* hilariante; Sá conservando-se á altura dos creditos já obtidos como primeira figura; Alvaro Cabral, com muita distincção no papel de barão, que executou sem perder a linha nem mesmo na parte comica; Maria Santos muito alegre e muito viva no papel de Catharina; Roldão bem encarnado no papel de saltim-

banco, ainda que com saudade nos fez recordar de seu extinto collega Augusto; Auzenda, Humberto do Amaral, Carlos Santos e os restantes contribuíram para justificar os applausos com que foi saudada a *reprise* da **Cigarra**.

M. C.

Entre uma actriz e uma amadora dramatica :
— Tu trabalhas pelo dinheiro, e eu pela honra!
— Minha amiga, cada qual trabalha por aquillo que precisa!

Errata

Uma diabrura typographica fez com que no fim do artigo do nosso prezado collaborador sr. Alvaro Cabral, publicado no ultimo numero, sahisse *Oleo de Merode* em vez de *Cleo de Mérode*, nome da bailarina franceza universalmente conhecida pela sua belleza e pelos seus lindissimos e fartos cabellos.



E' do inspirado poeta e primoroso escriptor brasileiro, sr. Arthur Azevedo, o espirituoso monologo que a seguir publicamos, e que estamos certos os nossos leitores apreciarão devidamente.

N. da R.

Dona Hortencia

Conto recitado pela actriz Fanny Vernaut, no theatro Recreio Dramatico, do Rio

Dona Hortencia fizera cincoenta annos,
Mas a todos dizia
(Como se algo valessem taes enganos)
Que trinta e seis, não mais, completaria
A vinte e seis de abril. Toda a cidade,
Que estes casos malevola commenta,
Dizia á puridade
Que nem a pau a misera senhora
Queria entrar na casa dos quarenta.

Era viuva. Outr'ora
Junto ao esposo brilhára,
Mas n'esse tempo tinha melhor cara,
Não pintava o cabello,
A sua dentadura era um modelo,
E o seu rosto não tinha
Tantos pés de gallinha.

Fôra o marido um homem de juizo,
Mas deixou-lhe, ao baixar á terra fria,
Apenas o preciso
Para viver com muita economia.

Dona Hortencia era só! Nem um parente
No mundo conhecia.
Tinha tido um irmão, que antigamente,
Praticando não sei que falcatuas,
Fugira para a America do Norte,
E nunca mais dera noticias suas,
Nem soube a irmã qual fôra a sua sorte.

O isolamento a certas almas serve:
Edifica, avigora, fortalece;
Faz com que o coração a flor conserve
Da mocidade que desaparece;
A outras almas não serve: um'alma fraca
Co'a triste solidão não se conforma;
Soffre uma agitação que nada applaca
Nem suavisa, e logo se transforma.

Dona Hortencia queria
Outro marido achar, e esta mania
A mais perniciosa
Que pôde entrar n'uma cabeça edosa,
Cobriu-a de ridiculo, coitada!

A principio mostrou-se apaixonada
Pelo primeiro poeta da cidade,
Que dos seus annos tinha só metade;
Mas o mancebo, frio e desdenhoso,
Riu-se d'aquelle amor de velha tonta,
E um soneto lhe fez tremendo e iroso,
Que andou de mão em mão, de ponta a ponta.

Vendo que o poeta não correspondia
A'quelle fogo, áquella retinencia,
Apaixonou-se a pobre Dona Hortencia
Por um tenente de cavallaria.
Foi uma troça no quartel! Tamanha,
Que o tenente, irritado,
Quiz ser do batalhão desagregado,
E outra terra buscar, embora estranha.

Desenganada, enfim, pelos rapazes,
Atirou-se aos velhotes,
Que seriam, pensava, mais capazes
De apreciar os seus dotes.

Um conselheiro austero,
Juiz aposentado,
Foi até obrigado
A tratá-la de um modo bem severo.

A final, Dona Hortencia,
Vendo baldada tanta diligencia,
Resolveu entregar-se ao isolamento,
E nunca mais pensou em casamento.

Alguns mezes, porém, depois, retumba
Como uma bomba, — bumba!
A noticia da morte
Do irmão da velha que esquecido estava
Na America do Norte
E dois milhões de dollars lhe deixava!

Ninguém calcula da noticia o effeito!
Que scenas de theatro!
Não tinha Dona Hortencia um só defeito!
Ella até augmentava a idade: tinha
Trinta e dois annos, augmentava quatro.
Não havia no mundo outra viuvinha
Que os seus encantos naturaes tivesse!

Ah! se o poeta pudesse
Negar haver escripto
O soneto maldito!
Como se arrependia
O tal tenente de cavallaria!
O proprio conselheiro,
Vendo tanto dinheiro,
As orelhas torceu! — E a millionaria,
Examinando os offerecimentos,
Poderia, co'a calma necessaria,
Um marido escolher entre duzentos.

Não escolheu nenhum. Lição tão bella
Aproveitou-lhe. Percorreu a Europa.
Voltando á patria fez-se philantropa,
E os pobres, felizmente,
Tambem gosaram a fortuna d'ella,
Que as lagrimas seccou a muita gente.

Eis que a historia contei de Dona Hortencia.
Não gostaram? Paciencia.

ARTHUR AZEVEDO.



Passagens de mão...

Já no passado numero e n'esta mesma secção nos referimos a um *rapto* (?) que se deu n'um dos theatros da feira de Alcantara, e agora temos de mencionar pelo menos mais tres, se por acaso até ao momento de escrevermos estas linhas não se consumou ainda mais algum outro.

Parece que o primeiro serviu de exemplo aos segundos, ou então que a mania da fuga, que ultimamente tem atacado as actrizes da feira, é uma doenca contagiosa, para a qual será bom chamar a attenção dos mais abalisados clinicos e especialmente a do sr. dr. Bombarda.

Os chamados *raptos* teem sido um bello reclamo para a feira, sendo o objectivo de todas as conversações, nos grupos da rapaziada fina de Lisboa, que para alli afflue em grande numero todas as noites, em busca de novos pormenores dos raptos de todas aquellas .. Sabinas.

O que nos revolta, é que se empregue para estes casos a palavra *rapto*.

O *rapto* envolve mais ou menos a idéa de scenas romanescas; faz suppôr que para ser raptada a actriz A. da S., por exemplo, se cruzaram lanças ou espadas; que um grupo de mascarados a levou em charóla e á força para uma sége, onde o D. Juan, disfarçado em cocheiro, a espera na boleia, para fazer seguir a toda a brida e para reconditos logares, o carro onde a preciosa, aniquilada pela commoção, se deixou levar já sem resistencia, n'um abandono languido do seu ser.

Faz suppôr tambem que para o *rapto* das actrizes M. de L. S. e I. T., por exemplo, os respectivos conquistadores tivessem aproveitado as horas mor-

tas da noite, horas a que se apaga a illuminação, para que, embuçados em negras capas, fizessem conduzir em liteiras até á praia pela antiga rua do caneiro (a que fica mais proxima) as suas amadas, que dariam entrada em bergantins e gondolas de linhas exóticas que para tal fim alli as deviam aguardar.

Mas qual! nada d'isto succedeu. Nem mascarados, nem sége, nem gondolas, nem liteiras, nem nada! Tudo quanto ha de mais prosaico.

Apenas umas mudanças de editores, mudanças que ellas fazem com a mesma naturalidade com que mudam de camisa.

Combinam ponto de encontro com o novo editor, e ao terminarem os espectaculos, quando os antigos editores vão em busca das suas deusas, acham-lhes o logar, porque ellas resolveram sahir com o sr. Fulano; e, no dia seguinte, com uma desfaçatez inaudita, de novo apparecem no tablado, cantando os *couplets* mais bregeiros, olhando de soslaio o heroe da vespera, que pacatamente levou para Lisboa n'um carro do povo a *genial artista* que foi acabar a noite n'um ceia de canóas e iscas regadas com carrascão, n'um mal ventilado compartimento de qualquer tasca da travessa da Palha!

Chamar portanto a isto um *rapto* parece-nos que é desrespeitar o termo.

Chame-se-lhe qualquer outra coisa: *passagem de mão*, por exemplo. E' phrase de picadeiro, mas que nos parece a matar para taes casos.



Artistas portuguezes no Brasil

Todos os jornaes fluminenses se referem com palavras de louvor á companhia dramatica portugueza organizada pelo empresario Eduardo Victorino, que se estreou a 29 de junho ultimo no theatro de S. José, do Rio de Janeiro com a peça de Pierre Wolff, *O segredo de polichinello*.

Do nosso brilhante collega brasileiro *Gazeta de Noticias* recortamos os seguintes periodos do artigo em que se refere á inauguração da companhia:

«A companhia portugueza dirigida pelo sr. Eduardo Victorino estreou hontem, no S. José, sob os melhores auspicios. O theatro estava literalmente cheio, o que não acontecia desde os tempos do José Ricardo, e como estivesse assim era agradável lá estar, pois tinham todos desejos de matar saudades do drama portuguez e dos artistas que voltavam a alegrar o nosso inverno.

A peça de estreia foi o *O segredo de polichinello*, de Wolff, que, ha precisamente um anno, algumas pessoas — raras, é verdade! — se deram ao trabalho de ouvir representada pela companhia Della-Guardia, no lyrico.

No desempenho da peça só ha a fazer elogios, elogios geraes á certeza dos ensaios, á afinação do conjuncto.

— Um problema a resolver, dizia-nos um illustre amigo; por que em Portugal ha theatro, os nossos artistas melhoram lá e aqui nem ha theatro nem os artistas melhoram? Antes pelo contrario?

Ahi está uma grande verdade. Os artistas, alguns conservaram as suas boas qualidades, outros progrediram. Ignacio voltou o artista intelligente, sobrio, distincto de sempre. No papel de Trevaux, um papel que lhe está nas cordas, foi-se magnificamente. A sr.^a Adelia Pereira tem feito reaes progressos e na Maria é de applaudir a sua scena muda com o filho, cheia de emoção e de verdade. Pato Moniz e Carolina Falco, a principio um tanto frios, jogaram a penultima scena com toda a delicadeza ingenua e simples que ella requer. As sr.^{as} Maria Falcão e Emilia de Oliveira deram a graça da sua belleza aos dois pequenos papeis de que se incumbiram. A menina Odette é digna de um elogio pela maneira natural com que dialogou todo o 2.^o acto. E para não esquecer ninguem, o sr. Luiz Pinto portou-se bem no Luiz, sendo que talvez fosse um pouquinho estridente na declamação do 1.^o acto.

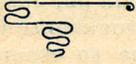
Enfim a companhia agradou em cheio, mesmo para os que nas ultimas filas de cadeiras não conseguiram ouvir bem em virtude da tosse de alguns e do theatro — um theatro aberto, por onde se escapa a voz dos artistas.

No fim da peça o publico chamou os artistas tres vezes á scena.»

*

A seguir, representar-se-hão n'este theatro as seguintes peças :

Cruz da esmola, de Ed. Schwalbach; *Dolores*, de Faliu y Codina; *O Oraculo*, de Arthur Azevedo; *Nelly Rosier*, de P. Bilhaud e Hennequin; *Toga Vermelha*, de Brieux; *Sacripanta*, de Pierre Wolff; *Bode expiatorio*, arranjo de Freitas Branco; *A Castellã*, de Alfredo Capus; *Um drama no fundo do mar*, de Ferdinand Dugué; *Zázá*, de Pierre Berton e Simon; *A Estrangeira*, de A. Dumas filho; *Frei Luiz de Souza*, do visconde de Almeida Garrett; *A Severa*, de Julio Dantas; *Ao Telephone*, de A. Lordes e C. Foley; *A Lagartixa*, de Feydeau; *Course au Flambeau*, de Paul Hervieu; *O Adversario*, de A. Capus; *Temperança & Regabofe*, de Ralph Gobbins; *Realidade e Delirio*, de D. José Echegaray.



Os assassinos do Theatro

Cartas a um amigo

II

Meu caro Hogan Teves.

Vou agora falar-te dos srs. artistas e começarei pelo sexo forte.

A's damas compete o primeiro logar, quando se trate de coisas agradaveis; mas como vou dizer mal, prefiro falar primeiro dos homens; as damas ficam para depois.

E' por conhecer d'estas e d'outras galanterias, que eu sinto não ter vivido nos tempos de D. João V, com madre Paula e tudo.

Eu aprecio e estimo muito os srs. actores, quando teem talento ou são modestos; desculpo até aos mais inteligentes um bocadinho de vaidade, mas em compensação aborreço e detesto os pedantes sem valor, especie de perús, tufados pelos assobios de alguns amigos da imprensa, que lhes disseram, por engano, palavras que deviam estar guardadas para outros.

E coisa singular em actores, como de resto em muitas outras classes; os que menos valem mais tolos são.

Repara como elles andam por ahí, nas ruas, ou nos palcos, imaginando-se verdadeiras summidades, erguendo os hombros, para parecerem mais altos, abrindo os braços em arco, julgando que teem azas para voar.

Alguns d'elles, por excepção, sabem de cór os seus papeis, o que já não é mau, mas como estão enthusiasmadissimos com as suas pessoas, succede que, por esse motivo, não enthusiasmam o publico.

O espectador aborrece-se dos enfatuados e não pôde apreciar as peças representadas por um grupo de artistas, com a mesma fórma de declamação emphatica, com os mesmos ridiculos gestos, dándonos a impressão de que são filhos uns dos outros, ou irmãos gêmeos.

Alguns até, dos mais novatos, mettem *buchas* nos seus papeis, e por isso em peças estrangeiras ouvem-se, constantemente, phrases caracteristicamente portuguezas e até calões muito nossos.

A um actor, e esse não é dos mais novos, ouvi eu, n'um dos primeiros theatros, tratando-se de uma viagem á Suissa, dizer que n'esse formoso paiz se havia divertido immenso com a rapaziada fina da *Baixa*.

Imaginou que a Suissa ficava ali para as bandas da rua do Ouro.

E d'esta força quantos outros!

Ora uma peça representada com tal consciencia, por melhor que ella seja, vae pelo buraco do ponto abaixo.

O espectador não a pode entender e, muitas vezes, confundindo a peça com o desempenho, julga tudo mau.

Não te parece melhor que o sr. artista não vá para a scena a imaginar que obsequia o publico? Que pense a valer na sua bella arte, mais que na sua pessoa e que se deixe tambem de uns certos *trucs*, que a ninguem já illudem, como o de se encostar pelas paredes, ou aos collegas, ao terminar uma scena, na apparencia violenta, mas que o não fatigou absolutamente nada.

Eu já vi o Zacconi, ao terminar a trabalhosa scena do suicidio por strichinina na *Morte Civil*, agradecer os applausos do publico, sem pedir ca-

deirinha de rodas, ou maca para vir á bocca de scena.

Tambem o grande Antonio Pedro, ao terminar a representação do *Saltimbanco*, do *Paralytico* ou do *Sargento-Mór de Villar* não pedia extrema-uncção.

E por hoje não mais.

Sente-se tambem *fatigadissimo* com estes *notabilissimos* escriptos o

Teu velho amigo

ANTONIO NOGUEIRA.



MOVIMENTO THEATRAL

A empreza José Ricardo conta para a proxima época com uma peça do sr. Freitas Branco com musica de Nicolino Milano.

** O theatro do Principe Real inaugurará a época com uma revista dos srs. Machado Correia e Accacio Antunes, para a qual já está escrevendo a musica o maestro Filippe Duarte.

** Para a proxima época deve apresentar-se no theatro Avenida a nova actriz Emma Rodvalho, ultimamente contractada pelo empresario sr. Souza Bastos.

** Diz-se que um antigo empresario, ajudado por dois capitalistas vae alugar o Real Colyseu para alli exhibir a peça biblica, **Templo de Salomão**, que ha muitos annos fez as delicias dos frequentadores do theatro de D. Maria II.

** Nos dias 25 e 26 dará duas recitas na Figueira da Foz o grupo dramatico de que fazem parte a actriz Adelina Abranches e actor Cardoso.

** Regressam brevemente do estrangeiro a actriz Amelia Lopiccio e o actor José Ricardo.

** No theatro Avenida vae fazer-se *reprise* da **Grã-Duqueza de Gerolstein**, sendo o papel de protagonista desempenhado por Palmyra Bastos.

Os outros principaes papeis foram assim distribuidos:

Fritz, Antonio Sá; *Wanda*, Maria Santos; *General Boum*, Roldão; *Barão Puck*, Alfredo de Carvalho.

** O grupo artistico dirigido pelo actor Oliveira dará tres recitas no theatro de Portalegre, nos dias 22, 23 e 25 d'este mez.

** O actor Augusto Martins, que em tempo fez parte da companhia do theatro da Rua dos Condes, foi escriptura para a proxima época do theatro do Gymnasio.

** O actor José Ricardo contractou, para na proxima época fazer parte da companhia do theatro do Principe Real, o novo actor Lino Ribeiro, que segundo consta, possui uma bella voz de barytono.

** Entrou em ensaios no theatro da Trindade a peça de grande espectáculo **Os mostenses**, traducção do sr. João Soller.

** Diz-se que a nova época do theatro Avenida, empreza Souza Bastos, será inaugurada em outubro com uma peça phantastica.

** Está annunciada para 23, no theatro Avenida, a apparição do estimado actor Joaquim de Almeida, no **Solar dos Barrigas**.

** Ficou finalmente liquidado o caso do actor Grijó. A junta medica reunida para o examinar isentou-o definitivamente do serviço militar pelo numero 17 da respectiva tabella.

Felicitamol-o cordealmente.

** A primeira peça nova que a empreza Portulez põe em scena na proxima época, no theatro da Rua dos Condes, é **Os ovarinos**, operetta de costumes populares, em tres actos, original do nosso presado amigo sr. Rafael Ferreira, com musica original do maestro Del-Negro.

O principal papel será desempenhado pelo actor Marcellino Franco e o scenario, tódo novo, é trabalho de Carrancini.

** Parece certo que entrará definitivamente para a companhia Portulez a intelligente actriz Mercedes Blasco.

** E' esperada em Villa Real a *troupe* dramatica, dirigida pelo actor Oliveira.

** Com a revista **De portas a dentro**, desempenhada pela companhia do Chalet Trindade, da feira de Alcantara, abre as suas portas no sabado o popular theatro do Rato.

Dizem nos que o scenario e guarda-roupa serão novos, e que para a proxima semana começarão os ensaios de uma nova revista com musica do maestro Filgueiras.



Intitula-se *Le coup d'aile* a peça que François de Curel destina ao theatro da Renaissance.

* *

No Théâtre des Varietés, em Paris, vae ser representada na proxima época uma nova operetta de Strauss, intitulada *Le fichu de dentelles*.

* *

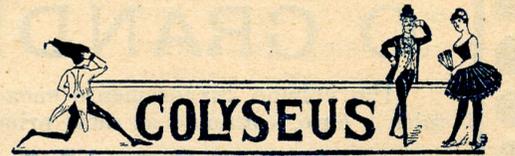
Em Carson-City, no Missouri (Estados-Unidos) dois acrobatas de um circo ambulante, noivos de duas gentis raparigas da mesma *troupe*, celebraram o seu casamento em dois trapezios volantes. O magistrado escolhido para os casar civilmente, teve que subir, n'uma pyramide de *clowns*, á altura necessaria para ler aos noivos as formulas da lei.

As duas raparigas proferiram, distinctamente o tradicional *sim*, no meio de um exercicio de trapezio que as reuniu aos seus respectivos maridos, collocados a alguma distancia com duas barras.

A esta cerimonia nupcial arte nova assistiram muitos milhares de espectadores. O empresario augmentou os preços e fez o que se chama um negocio de mão cheia.

* *

Acha-se actualmente em Pisa, na sua *villa Marina*, o grande escriptor Gabriel de Annunzio, que está trabalhando em duas novas obras de theatro.



No Circo *Mejstrick*, da feira de Alcantara, estreitou-se na ultima segunda feira a pantomima *A Feira de Sevilha*, que foi ruidosamente applaudida, porque é muito animada; e, para nada lhe faltar, tem bailados graciosamente executados por *salesosas* bailarinas, scenas desopilantes caracteristicas do reino visinho e uma tourada onde se apresentam alguns *diestros* de muito regulares faculdades para a arte.

O Circo *Mejstrick* tinha o que vulgarmente se diz uma enchente á *cunha*, tendo-se nas noites seguintes repetido a concorrência do publico que alli afflue, não só para vêr a pantomima, mas tambem para admirar todos os outros trabalhos, alguns d'elles executados por artistas de muito merecimento, e apresentados com propriedade e asseio.

Não nos enganámos quando de principio previmos que o circo seria o ponto de reunião da sociedade elegante, na feira de Alcantara.



Bibliographia

Theatro moderno infantil.—Amavelmente offerecido pelo conhecido editor portuense, sr. J. Ferreira dos Santos, acabamos de receber um livrinho contendo graciosas comedias e monologos intitulados *O maltez*, *Amar em miniatura*, *O rato e Depois da casa roubada...*, originaes dos srs. dr. Bernardo Lucas e Manuel de Moura.

Agradecemos a gentileza da offerta, que nos proporecionou occasião de apreciar devidamente as producções de tão illustres escriptores.

Bibliotheca Horas Romanticas.—Recebemos os ultimos volumes d'esta interessante bibliotheca, elegantes edições d'*A Editora*. Intitula-se *A corda do carrasco*, *Idyllios á beira d'agua*, *Terras malditas* e *Manon Lescaut*.

O custo de cada volume com uma vistosa capa a côres, é apenas de 100 réis, e acham-se á venda em todas as livrarias.



Contou-se n'esta gazeta um caso que alli á preta se passou em plena feira e se presta á chuchadeira! Uma actriz, uma deidade, mas já não de tenra idade, bateu as azas, voou e todo o mundo ficou a pensar, admirado quem a teria raptado! Por causa do appellido, que é de um peixe conhecido, pensou-se que um barraqueiro que á porta, em grande berreiro, diz ter bem boa salada, peixe e vinho da Bairrada, teria a actriz sobredita p'ra a vender em postas frita! mas sendo alli procurada só se achou um peixe espada, lullas, carapaus, goraz, pescadinhas n'um cabaz, alguns pargos e sardinha mas não se achou a *tainha!*

.....
Como se diz que a fataça é a *tainha* madura seria, não é chalaça, uma que eu vi em fritura?

Tvv.

Tauromachia

Praça do Campo Pequeno

13.^a corrida

Teve uma grande concorrência, mas foi má, a corrida que no domingo ultimo se realisou na praça do Campo Pequeno, em beneficio do estimado bandarilheiro Jorge Cadete.

Os touros, da *ganaderia* de Correia Branco, sahiram ordinarissimos, principalmente os destinados á lide de pé, e eram feios, cornalões e deseguaes em corpos. O que lhes faltava em bravura e typo, sobejava-lhes em madeira na cabeça. Foi positivamente uma corrida impropria de ser apresentada por qualquer creador, e ainda mais na primeira praça do paiz.

O beneficiado tampouco se honrou muito apresentando semelhante gado. Aquillo não eram touros para ser annunciados por ninguem, e muito menos por um artista. A mansidão estaria occulta, agora os exteriores não estavam! O que quer dizer que tão pouco escrupuloso foi Correia Branco como Jorge Cadete, pois não tiveram pejo nem um nem outro de largar uma corrida d'aquella ordem!

Os bichos que deram melhor lide foram o 1.^o e 6.^o, destinados ao morgado de Covas, o 3.^o, que coube a Ricardo Pereira e Simões Serra, e o 4.^o e o 8.^o que largaram para a lide á hespanhola. Estes ultimos tomaram algumas varas sem voltar a cara mas chegaram mansos aos dois ultimos tercios.

Dos lidadores, o unico que conseguiu salientar-se verdadeiramente foi o cavalleiro Francisco Barreira (morgado de Covas), a quem Ricardo Pereira concedeu a alternativa. O novo artista teve um trabalho muito bom no 6.^o touro, empregando uma

lide variada e valente, em que predominaram as *tiras*, que era a unica sorte que o animal accetava bem, e deixando sempre a ferragem com muito boa collocação. O seu trabalho foi premiado com muitas e justas palmas.

Ricardo Pereira como Simões Serra estiveram regulares no 3.^o, mas muito melhor Ricardo Pereira.

Dos picadores, sobresahiu *Chato* em algumas varas boas, principalmente no 8.^o, em que chegou a entusiasmar o publico. *Melones* só poude picar o 4.^o, por se ter maguado em uma cahida, e tudo quanto fez foi mau, inclusivé inutilizando o touro com uma vara nas costellas.

Luiz Mazzantini nada fez de extraordinari nem toureando de muleta, nem toureando de ca pote. Mas com a sua idade e tal gado, não queremos nem devemos ser exigentes. Teve um bom par a cuarteo no 8.^o, um ou outro quite aos picadores, e fez a diligencia por cumprir, tanto quanto as suas facultades actualmente lh'o permittem. O publico, contra o que se esperava, recebeu bem o velho artista, prodigalizando-lhe por vezes applausos, e Mazzantini correspondeu a essa cordealidade brindando tanto á *sombra* como ao *sol*.

Dos bandarilheiros, foi ainda assim o beneficiado o que fez mais alguma coisa, mas muito pouco, pois em dois touros sómente conseguiu tres pares bons, sendo um das curtas; Torres Branco, um par regular á sahida do 2.^o e outro no 10.^o; Thomaz da Rocha, um par tambem no 10.^o.

Na bréga, Thomaz Mazzantini, que é ainda o mesmo peão valente e conhecedor, como o demonstrou na lide dos touros destinados aos seus compatriotas; nos restantes, por vezes e alternando-se, Cadete, Torres Branco e Rocha.

E nada mais. Para a outra vez será peor...

C. A.

O GRANDE ELIAS

Um volume, luxuosamente encadernado em percalina, com titulos a ouro, contendo as duas primeiras séries d'este semanario

PREÇO 1\$000 RÉIS

Está ja á venda em todas as livrarias

Retratos contidos no volume

Taborda, Virginia, Furtado Coelho, João Rosa, Rosa Damasceno, Eduardo Brazão, Barbara Volckart, Antonio Pedro, Augusto Rosa, Cesar Porto, dr. Manuel da Silva Gayo, Pedroso Rodrigues, Angela Pinto, Ferreira da Silva, Lucinda Simões, Valle, Adelina Abranches, Queiroz, Palmyra Bastos, Lucilia Simões, Visconde de S. Luiz Braga, Thereza Mattos, Joaquim de Almeida, Eduardo Schwalbach, Beatriz Rente, actor Simões, Marcellino Franco, Delfina Victor, actor Cardoso, José Carlos dos Santos, Adelaide Coutinho, Augusto Cesar de Almeida, Emilia das Neves, actor Mattos, Maria Falcão, João Gil, Silva Pereira, Amelia Pereira, João Anastacio Rosa e Francisco Costa.

Nestlé

Farinha Lactea

FABRICA NACIONAL

DE
Tintas typo-lithographicas

CANDIDO AUGUSTO DA COSTA

DEPOSITO

Rua Ivens, 70 - LISBOA

FABRICA NACIONAL **PAPEIS PINTADOS**

DE **DIAS TEIXEIRA & C.^a**

Papeis pintados para forrar casas, papeis mates, (couchês) e lustro, etc., para Lithographia, Typographia, Photogravura, Encadernação, Cartonagens, etc.

Depositos para venda a retalho: **José Narciso a' Aguiar & C.^a (F.^{os})**, 13, Avenida da Liberdade, 17; **José Miguel dos Santos em C.^{la}**, 102, Rua Nova do Almada, 104.

DEPOSITO GERAL E ESCRITORIO

25, RUA DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, 27 - LISBOA

Lanternas

Para illuminação de estabelecimentos. - 2\$000 réis por mez, incluindo gaz, manga, lanterna e con-ola.

Pedidos á

SOCIÉTÉ ANONYME D'ECLAIRAGE INTENSIF

Rua do Crucifixo, 116 - Lisboa

Para alugar

5 numeros, 1\$500 réis

Novidades litterarias

Atlas de Geographia Universal, descriptivo e illustrado; grav., 1 vol. encad. 6\$700 réis; fasciculo, 150 réis.

Atlas de Portugal e colonias, descriptivo e illustrado (em physica, politica, estatistica e economica. Fasciculo, 150 réis.

Vida e aventuras de Robinson Crusoe, por Daniel de Foë. Luxuosa edição completa e illustrada. 1 volume broch. 2\$000 réis; enc. 2\$800 réis; tomo 250 réis.

Prospectos e specimems gratis. Empreza editora, rua da Boa Vista, 62, 2.^o, Lisboa, e nas principaes livrarias.